

Rio Paraitinga é repovoado com seis mil filhotes de piabanha

Espécie teve redução populacional devido à existência do dourado, um peixe predador característico dos rios brasileiros

A Companhia Energética de São Paulo (Cesp), órgão da Secretaria de Estado da Energia, soltou seis mil filhotes de peixes, da espécie piabanha, nas margens do Rio Paraitinga, um dos que formam o reservatório da Usina Paraibuna. Fica localizado na cidade histórica de São Luiz do Paraitinga, entre o Vale do Paraíba e o litoral norte.

A soltura dos peixes ocorreu próximo à captação de água da Sabesp, na estrada da Pousada Ápice, onde a comunidade de São Luiz desenvolve programa de reflorestamento da margem do rio.

Peixe-símbolo

A piabanha foi o peixe-símbolo da bacia do Rio Paraíba do Sul, chegando a ser a segunda espécie mais capturada e consumida no início da década de 50. Diversos fatores contribuíram para sua redução populacional, como a introdução do dourado, um peixe predador característico dos rios brasileiros, o desmatamento, a poluição e a construção de barragens.

Hoje, a espécie é reproduzida com técnicas especiais e em larga escala na Estação de Hidrobiologia e Aquicultura da Cesp, em Paraibuna, pelas equipes da área de meio ambiente da empresa.

A reprodução é feita para fins de repovoamento dos seus reservatórios da bacia do Rio Paraíba do Sul.

A Cesp

De acordo com a legislação brasileira, a Cesp se responsabiliza por programas de repovoamento de peixes em seis reservatórios de sua concessão no Estado. O auxílio ocorre nos reservatórios de Jaguari e Paraibuna (na região da Serra do Mar), de Ilha Solteira, Jupia, Primavera (na Bacia do Rio Paraná) e de Três Irmãos (no Rio Tietê). O objetivo é proteger as espécies que têm risco de desaparecimento.

Pescas experimentais

O gerente da divisão de programas físicos e bióticos da Cesp, João Henrique Pinheiro Dias, informa que desde 1983, periodicamente, são feitas pescas experimentais nessas instalações, a fim de pesquisar a abundância ou a raridade do animal. Com esses relatórios é possível verificar a necessidade de nova inserção de alevinos.

O repovoamento pode ter caráter pedagógico. O gerente disse que na soltura dos peixes, no Rio Paraitinga, os estudantes participaram e tiveram educação ambiental. "A idéia é que eles percebam que existe esforço para melhorar o ambiente. Naquela ocasião, enfatizamos que eles também podem contribuir, diminuindo o desperdício de água e emissão de lixo nos rios."

VIVIANE SANTOS

DA AGÊNCIA IMPRENSA OFICIAL
E ASSESSORIA DE IMPRENSA DA CESP



Estudantes participam da soltura de peixes nas margens do Rio Paraitinga



Cesp libera 6 mil filhotes de peixes da espécie piabanha

Pesca reduz 50% da população do peixe-batata na costa do RJ até SC

A pesca é a causa da redução em 50% da população do peixe-batata (*Lopholatilus villarii*). Essa é a confirmação do estudo feito pelo biólogo Antônio Olinto Ávila da Silva, do Instituto de Pesca, ligado à Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento. A pesquisa foi realizada entre 1995 e 1999 e analisou o trecho compreendido entre o norte do Rio de Janeiro (paralelo 22º) e o norte de Santa Catarina (28º).

Na pesquisa, foram mapeadas e catalogadas as espécies como o peixe-batata, que habitam a faixa entre 100 e 500 metros de profundidade. Ele integra uma categoria de alto valor comercial. É importante na cadeia alimentar marinha por estar presente em grande extensão no litoral brasileiro.

O estudo registrou também a evolução da pesca oceânica no País na década de 90. Deixou de ser artesanal para ser mecanizada. Profundidades de até 500 metros passaram a ser atingidas e a quantidade do pescado começou a decrescer progressivamente. Entre as décadas de 70

e 90, caiu 75%, de quatro mil para mil toneladas anuais. "A intensidade de extração está superando a capacidade de recuperação das populações", observa Olinto.

Expedições de coleta

A atividade pesqueira impacta as espécies com ciclo de vida mais longo. O peixe-batata pode viver até 40 anos, porém não consegue atingir idades elevadas. "A primeira reprodução é tardia, pois só ocorre aos seis anos, fator que retarda a recomposição da população. E o hábitat da espécie é bem conhecido dos pescadores, tornando-o mais suscetível às capturas."

O Instituto de Pesca realizou mais de 300 operações de coleta. Capturou, entre 1995 e 1997, 58 mil unidades de 43 espécies. O trabalho permitiu a análise do histórico da exploração pesqueira e a confecção de um mapa de atuação dos barcos de exploração comercial.

Olinto avalia que a fiscalização da pesca é falha e as licenças para a atividade são amplas. "É necessário rever os critérios de permissão, com a criação de restri-

ções. O ideal é analisar a área de atuação da embarcação, o modo como a pesca se dá e a relação de espécies autorizadas para a captura." Ele sugere a instalação de sistemas de rastreamento por satélite nos barcos da frota nacional, para permitir um monitoramento já obrigatório em embarcações estrangeiras arrendadas.

Harém de fêmeas

A recuperação da população do peixe-batata exige mais do que um período anual de proibição para a procriação da espécie, como é feito com camarões e sardinhas. "Faz-se necessário manter a estrutura etária da população e a proporção entre os sexos, além da disponibilidade de alimento."

Estudos com o peixe-batata do Atlântico Norte (*Lopholatilus chamaeleonticeps*) mostraram que um macho adulto mantém um harém com várias fêmeas e tem um território delimitado. A sua captura desestrutura a organização social, que só será restaurada com a chegada de outro exemplar do sexo masculino.

A alternativa é criar áreas de pesca proibida. "Elas funcionariam como santuários ecológicos marinhos, onde as espécies poderiam se recompor. Essas mudanças são necessárias para garantir a existência das variedades e manter a atividade pesqueira, tornando-a economicamente interessante", conclui.

Conheça o peixe-batata

O peixe-batata mede em média 1,2 metro e tem peso que varia entre 15 e 20 quilos. Embora seu nome seja desconhecido entre os consumidores, ele é bastante consumido em peixarias e restaurantes, que o servem como se fosse o namorado, espécie mais conhecida. De sabor excelente e carne clara, custa de R\$ 4,00 a R\$ 8,00 o quilo e é considerado, junto com o cherne, linguado e namorado, produtos de primeira linha.

ROGÉRIO SILVEIRA

DA AGÊNCIA IMPRENSA OFICIAL
E AGÊNCIA USP DE NOTÍCIAS